Anno 2.º — DOMINGO 12 DE DEZEMBRO DE 1909 — N.º 50

CORREIO DO VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Sabe v. os dolorosos motivos que me têm impedido de escrever as minhas *Cartas d'Algures*. Mas ignoram-nos os leitores do *Correio do Vouga* que talvez já tenham dado graças a Deus por me verem desapparecer do numero dos collaboradores do seu jornal.

Pois com vivissimo prazer lhes prégo a partida de retomar o meu posto quando elles menos o esperam. Com vivissimo prazer, porque o meu reapparecimento representa nem mais nem menos do que o triumpho numa lucta gigantea com a Morte que durante alguns mezes me rondou a casa.

Póde ser que esta revelação me traga alguma benevolencia por parte dos leitores, dispondo-os, não digo já a receberem-me com enthusiasmo, mas ao menos sem hostilidade. Pode ser. Porque ha sempre uma certa sympathia por quem soffre—e eu tenho soffrido muito.

Não bastava já a enfermidade: a minha tortura tornava-se insupportavel com as prescripções medicas. Uma, entre as mais crueis: absolutamente prohibido de ler. Nem um jornal. De modo que, ao fim de alguns mezes, peguei hontem pela primeira vez no *Correio do Vouga*. E peguei-lhe com a sofrega curiosidade de o lêr por atacado.

Vi-me deante d'uma duzia de numeros, pelo menos. Hesitei se devia começar pelos primeiros ou pelos ultimos. Decidi-me pelos mais recentes. E logo os meus olhos, espantados, se fixaram nesta novidade: O *Correio* em polemica. A atirar-se ao *Povo d'Aveiro*. A atirar-se ao *Democrata*. «Grandes motivos deve ter»—disse commigo, dispondo-me para a leitura.

Quando acabei esta, não me lembrando sequer de que poderia recair com o ar frio e humido da rua, saltei fóra de casa e corri a comprar aquelles dois jornaes. O primeiro não o via ha muito tempo. O segundo nunca o tinha visto. E comprei-os apenas para socegar o meu espirito ancioso pela verdade.

Eu não podia julgar com justiça sem apreciar os factos que determinaram a accusação e sem conhecer as allegações da defeza. Aquella estava feita com serenidade e firmeza — firmeza e serenidade que revelavam que o accusador sentiu o que disse. Mas eu suppuz que houvesse exagero. E suppu-lo por esta minha ingenuidade de menino que caminha para os... setenta.

Pois não estarei eu farto de saber o que é a maior parte da imprensa portugueza? Devo estar. Mas a verdade é que julguei que o *Correio do Vouga* exagerasse. Achava descomunal o delicto. Quiz vê-lo com os meus proprios olhos para o reduzir ás suas legitimas proporções. Mas — terrivel decepção!—constatei que o *Correio* fica muito aquem da realidade! Não exagera. Pelo contrario: encobre. O *Povo d'Aveiro* e o *Democrata* devem ser condemnados como auctores. Mas elle não póde tambem deixar de o ser como... encobridor.

Meu amigo: vae v. encetar uma campanha, como annuncia no ultimo numero, em que *proferiu o discurso de abertura*.

Uma campanha só é—nada. Uma duzia d'ellas, ao menos, e conte com os applausos dos homens sensatos.

No n.º destes se julga, á parte toda a modestia, o seu

amigo dedicado.
A. B. C.

P. S. Noto que *El-Vidalonga* ultimamente tem feito um pouco como *A. B. C.* Muito estimarei que não seja pelo mesmo motivo. Não deve ser. *El-Vidalonga*, alem de mais novo, é rijo, d'uma resistencia excepcional.

Dê, por mim, um abraço a esse adoravel amigo e diga-lhe que as suas *gazetilhas* têm, pelo menos, dois leitores: elle e eu. O que é bastante, nos tempos que vão correndo, para não desanimar.

Até á... segunda.
A. B. C.

NOTAS LIGEIRAS

INGRATOS REPUBLICANOS...

Sob esta epigraphe, faz o «Portugal» considerações a respeito d'um artigo publicado no «Seculo» em que se nega importancia á viagem régia e se declara que o povo de Lisboa não festejou o monarcha, por occasião do seu regresso. Chama ingrato ao jornal do sr. Silva Graça e justifica a sua affirmacão nestes termos:

«Então assim paga o juno bifronte á monarchia, e ao monarcha que franqueou o comboyo real e proporcionou um bello passeio ao enviado especial da «Illustração Portugueza», que metteu assim muitos tostões na bolsa do seu proprietario, pois «Illustração» e «Seculo» são «manos gemeos» que á semelhança dos «irmãos siamezes» ganham cobres para o patrão?»

Ora, positivamente, querer que o «Seculo», que atravessa uma phase de republicanismo, se desfizesse em amabilidades á monarchia, só porque o sr. D. Manuel foi gentil para com um dos seus redactores, chega a ser duma... candura encantadora. Sim, porque só dos labios duma loira creança poderia ouvir-se, sem enfado, mas até com prazer, tão graciosa... infantilidade.

Mas não desespere o «Portugal». Estêja certo de que o «Seculo» será um dia grato á gentileza que o monarcha teve para com o seu enviado especial.

Ainda ha-de vê-lo que nem o ha-de conhecer. Ou mais exactamente: ainda ha-de vê-lo como já o conheceu.

Antes nos enganassemos, que era signal de que o grande diario, que orienta parte da nossa sociedade, tem firmeza nas suas convicções. Mas o seu passado...

ATTENTADO

Sob esta epigraphe escreve o «Progresso d'Aveiro», no seu ultimo numero:

«Ao fecharmos o nosso jornal, consta-nos que foi lançada uma bomba contra a morada do sr. João Simões Maio, o que se deu hontem á noite em Arada.

Dentro estavam os srs. Vigario Pato, Accacio Roza, Maia da Fonte, Antonio Lavrador, além da familia do dono da casa.

O attentado não teve outras consequencias felizmente alem de damnificar o predio, ficando illesas aquellas pessoas, que se achavam distantes.

E' muito grave e pelo adeantado da hora não podemos hoje senão pedir providencias energicas á auctoridade, pois é bem de suspeitar quem são os auctores do crime e á ordem de quem se fez aquella selvageria».

Não estamos habilitados a fazer commentarios sobre este caso. Diremos apenas que a ser verdadeiro, é muito grave. Urgente, portanto, se torna apurar toda a verdade e providenciar com justiça.

CASAMENTO D'EL-REI

Dizem de Lisboa em data de 9:

«Parece effectuado o casamento d'El-Rei com uma princeza d'Inglaterra, o qual deve realisar-se em maio proximo.

O snr. Marquez de Soveral, como premio aos seus serviços n'este sentido, será elevado á dignidade de embaixador e ministro plenipotenciario, passando, portanto, a nossa legação d'Inglaterra a ser embaixada.»

Diz-se, e é verdade, que quem espera desespera. O sr. D. Manuel já deve estar desesperado. Chega a ser crueldade, portanto, annunciar-lhe o casamento com seis mezes de antecipação...

Entretanto, vá gosando o snr. Marquez as honras e proveito da embaixada...

UM PHENOMENO

Dizem de Villa-Real, em telegramma do dia 10, o seguinte:

«Em Fonteita, freguezia d'Andrães, d'este concelho, um moço de lavoura, de nome Alberto e que se empregava na venda de leite, nesta villa, sendo hermaphrodita, acaba de dar á luz uma creança do sexo masculino.

Foi enorme o alvoroço que este phenomeno causou, havendo grande curiosidade em vêr o parturiente. Este ficou em mau estado.

O recemnascido falleceu quasi logo»

E' possivel que se trate simplesmente d'um caso... americano. Terá então apenas a importancia de todas as *blagues*. Mas, tratando-se d'um phenomeno physiologico, deve despertar grande interesse e talvez a sciencia tenha alguma coisa a aproveitar d'elle.

GAZETILHA

Não ha decerto no mundo
Um monarcha mais bonito
Que El-Rei D. Man'el segundo.

Mas vê-se, pelo que escripto
Tem gazetas, que lá fóra
Não é bem tal requisito

Que as *cachópinhas* agora
Exigem p'ra dar a mão
A quem d'ellas se enamora,

Inda que do coração
Desejassem possuir
Um tão bello rapagão,

Pois chegaram a sair,
Amparadinhas, á rua,
Entrevadas, a sorrir!

E de noite, quando a lua,
A lua de Londres fallada,
Mostrava a carinha sua,

Ai! pela *chucha-calada*,
Muita Miss a suspirar
Era, Senhor, encontrada!

Mas emfim, por não pegar
O casorio no estrangeiro,
Não ficará por casar.

Bote annnncio no *Janeiro*
Ou *Noticias* que ha-de vêr
O medonho formigueiro

De *cachópas* a appar'cer.
E então Vossa Magestade
Póde á vontade escolher.

9-12-909.

El-Vidalonga.

ASSUMPTOS LOCAES

Datam de ha muito tempo os conflictos entre os arrematantes dos impostos municipaes e os taberneiros d'esta villa.

Alguns, e dos mais graves, conhecemo-los apenas por tradição. Mas os que se tem dado nos ultimos annos são mais do que sufficientes para toda a gente de bem desejar vêr decretada por parte da camara uma medida tendente a evitar as violencias dos arrematantes, nem sempre provocadas pelos taberneiros.

Essa medida acaba de apparecer, por iniciativa do nosso amigo e conterraneo sr. Avelino Dias de Figueiredo, illustre vereador da camara, que, fundando-se exactamente nos repetidos e graves conflictos a que alludimos, propoz que os impostos sêjam cobrados por avença e não por arrematação, o que foi approvado.

E' d'um altissimo alcance a resolução da camara. Póde dizer-se que concorrerá para que esta villa entre n'um periodo de mais socego, tendo influencia até na cifra da criminalidade que sem duvida decrescerá.

Por tudo isto, é-nos grato, interpretando os sentimentos do povo d'esta villa, louvar o sr. Avelino de Figueiredo, pelo excellente serviço que acaba de prestar á sua terra.

*

O director d'este jornal vae convidar a Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e os srs. Dr. Eduardo de Moura, Manuel Saldanha, Avelino de Figueiredo e Antonio Simões da Silva, para todos se reunirem nesta villa, num dos primeiros dias de janeiro, afim de tomar resoluções sobre a subscripção aberta neste jornal.

A reunião terá por fim especialmente assentar no destino que deve dar-se ao dinheiro recebido, aggregar alguns membros á commissão já existente e procurar pôr em pratica certos meios tendentes a augmentar o numero dos subscriptores.

*

Sobre a supposta transgressão do accôrdo, realisado pelos pharmaceuticos d'esta villa, cumpre-nos dizer o seguinte:

O sr. Antonio Simões da Silva, um dos signatarios do referido accôrdo, enviou-nos, para ser publicada neste jornal, a *carta* que o nosso collega *Bei-*

ra-Mar inseriu num dos seus ultimos numeros.

Mandou-a, decerto, ao mesmo tempo, para os dois jornaes. Quando a recebemos, vimos logo que a não podiamos publicar no numero que estava para saír, por falta de espaço. Mais tarde, quando nos dispuzemos a lê-la, reconhecemos que lhe não deviamos dar publicidade, sob pêna de pôr de parte a orientação deste jornal a qual havemos de manter atravez de todas as contrariedades.

Ora, muito bem...

Com toda a lealdade e com toda a clareza, dissemos ao sr. Simões a razão do nosso procedimento e affirmamos-lhe que, não só para lhe sermos agradavel, mas até e principalmente para cumprimos um dever, dariamos publicidade á sua carta, logo que ella satisfizesse *ás condições que impômos a toda a gente.*

Já lá vão tres semanas. Ainda não respondeu. Não será, pois, desacertado concluir que escusamos de esperar a resposta. Por isso mesmo é tempo de cumprir o dever de informar os nossos conterraneos do que se tem passado sobre a supposta infracção que, como se sabe, implica com interesses que temos obrigação de zelar. E só por este motivo—accentue-se—nos occupamos d'ella. Por mais nenhum.

Desde o dia em que devolvemos a *carta* ao sr. Simões até ha pouco nada soubemos do que se ia passando. *Absolutamente nada.* Ha tres dias, por intermedio da *Beira-mar* e do nosso informador habitual, soubemos isto: que o sr. Antonio Simões da Silva dirigiu um officio aos seus collegas, declarando-lhes que se julgava desligado do accôrdo que com elles havia assignado, e que o sr. Avelino Dias de Figueiredo enviou áquelle jornal uma *carta*, para ser publicada, sobre o debatido assumpto.

Conhecemos apenas o conteudo do officio cuja copia nos foi enviada pelo nosso informador e que registamos:

«Ex.mo Sr. Participo a v. ex.ª por esta forma que me desligo do contracto realisado entre os pharmaceuticos d'esta villa em vinte e cinco de setembro proximo passado e pelo qual se deveriam fechar as pharmacias á uma hora de domingo. Este meu procedimento baseia-se em factos que v. ex.ª muito bem sabe e que me dispenso de novamente referir ou criticar. Deus guarde a V. Ex.ª. Eixo, 4 de dezembro de 1909. O Pharmaceutico Simões.»

O sr. Simões poderá deste modo, *apenas por sua vontade* e *sem que nenhum dos seus collegas tenha faltado aos compromissos assumidos para com elle,* desobrigar se das responsabilidades que lhe impõe o acôrdo que assignou em 25 de setembro? E' uma hypothese juridica cuja discussão não nos compete. Mas, o que nos compete é discutir se o sr. Simões poderá desobrigar-se d'essas responsabilidades, emquanto estiver pendente o assumpto que nos occupa. Entendemos que não. E basta apenas ter senso intellectual e moral para o reconhecer.

Qual o facto, qual a palavra, qual o signal, que indicou ao sr. Simões que os seus collegas ou os responsaveis pela subscripção aberta neste jornal se haviam contentado com as suas explicações, abandonando, por isso, a questão?

Não lhe mandámos nós dizer que julgavámos um dever da nossa parte publicar a sua *carta*, desde que ella estivesse dentro da orientação do *Correio do Vouga*? Não lhe dissemos que ficavamos á espera de que no-la devolvesse, depois de modificada, em harmonia com as *condições que impômos a toda a gente* e que são estas: não dizer nada que offenda ou para offender pessoas, antes occultar tudo que possa dar a perceber que se trata d'uma questão pessoal *ou que possa origina-la?*

Dissemos. Não o negará. Mas, dizendo-o, nós significámos-lhe que entendiamos que a questão estava pendente.

Não reptou elle o seu collega Avelino de Figueiredo para provar que houve infracção? Porque não esperou que viesse publicada na *Beira-mar* a *carta* que o sr. Figueiredo dirigiu a este jornal?

Mais ainda: como se convenceu o sr. Simões que o *Correio do Vouga* puzesse de parte o assumpto sem dar explicações? O nosso passado devia preveni-lo de que não costumamos *calar-nos*, para evitar difficuldades. Não costumamos. Mas neste caso especialissimo, em que defendemos interesses alheios, muito menos o fariamos. O sr. Simões devia têr visto isso.

O que fica dito basta para concluirmos que o officio do sr. Simões é, pelo menos, inopurtuno. O sr. Simões não soube esperar. Ou não quiz.

Não sabemos se o sr. Avelino prova na sua *carta*, (que deve ser publicada no proximo n.º da *Beira-Mar*, segundo a declaração d'este proprio jornal), que tenha havido transgressão. Não sabemos. E' provavel que não. A prova mesmo, sendo testemunhal, como nos diz o nosso informador habitual, é difficil de fazer. Escusamos de justifica-lo. As razões são obvias. Tudo isto se diz,—entendamo-nos,—para a hypothese de ter-se dado a infracção e esta ter sido presenceada, por duas pessoas, pelo menos,

A difficuldade da prova não a vemos só agora, tanto que, escrevendo, no dia 6, ao sr. Avelino de Figueiredo sobre este assumpto—a primeira e unica vez que sobre elle lhe escrevemos—dissemos isto:

A si especialmente se impõe o dever de provar que houve infracção, se é que a houve, e tal é possivel provar.

Esta prova, na imprensa, deve ser feita por meio d'uma declaração assignada por duas ou mais pessoas que tenham presenceado o facto, ou por outrem a seu rogo.

Se conseguir esta declaração, deve ella ser publicada no *Correio do Vouga*, sem o deixar de ser tambem noutros jornaes, pelo menos na *Beira-Mar*.

O que se contém nestas palavras? Tudo o que pensamos sobre o caso em questão:

1.º que o dever de provar a infracção compete especialmente ao sr. Avelino de Figueiredo;

2.º que, sendo essa prova testemunhal, não será facil conseguil-a;

3.º que deve limitar-se a uma declaração que o sr. Simões depois poderá arguir de falsa, cumprindo-lhe provar essa arguição.

Quer isto dizer que neguemos ao sr. Figueiredo o direito de publicar todos os factos que o convenceram de que houve infracção, se é que realmente d'isso está convencido?

De modo nenhum. Pelo contrario: entendemos que deve faze-lo. Quando esses factos não possam constituir prova *juridica*, poderão ter valor sob o ponto de vista moral.

Esperemos, portanto, a *carta* do sr. Figueiredo, para depois dizermos, talvez, a nossa ultima palavra sobre o assumpto.[1]

[1] Pede-nos o sr. Avelino Dias de Figueiredo para declararmos que não é elle o nosso informador habitual. Porque isto representa a verdade, declaramo-lo, *sob a nossa palavra*, e acrescentaremos que d'aquelle nosso conterraneo apenas recebemos sobre o assumpto—infracção—uma carta no dia 11, sabbado, em resposta á que lhe escrevemos no dia 6.

NOTICIARIO

Baptisados—Realisou-se, na quarta-feira, na egreja d'esta villa, o baptisado d'um filho do nosso presado amigo sr. Aristides Dias de Figueiredo, o qual recebeu o nome de Mario. Foram padrinhos o sr. Avelino Dias de Figueiredo e a sr.ª D. Maria Alcide de Figueiredo, respectivamente avô e tia paternos do neophito.

Ao acto religioso assistiram a sr.ª D. Ermelinda Dias e o sr. Casimiro Dias, respectivamente tia e avô maternos do galante Mario, e a sr.ª D. Maria Morgado.

Aproveitamos a occasião para mais uma vez felicitar o nosso presado amigo Aristides de Figueiredo e sua Ex.ma familia, desejando para o Mariosinho uma vida cheia das mais radiosas venturas.

—Tambem no dia 5 se baptisaram nesta villa um filho do sr. Joaquim Masques Dias, que recebeu o nome de Clemente, e outro do sr. João Isaias d'Oliveira, que se ficou chamando Isaias.

A's respectivas familias, enviamos as nossas cordeaes felicitações, desejando para as galantes creanças muitas felicidades.

Fallecimentos—Por intermedio do nosso presado e obsequioso correspondente d'Alquerurim, recebemos na quarta-feira a noticia de que havia fallecido no dia anterior, na sua casa de Cacia, o abastado e considerado proprietario sr. Manuel Nunes da Silva, pae dos nossos amigos srs. Dr. Nunes da Silva, meretissimo juiz de Direito e illustre deputado da nação, e dr. Florindo da Silva, dignissimo reitor em Soza.

Deu o saudoso extincto, durante toda a sua vida, provas d'um caracter honestissimo, constituindo, portanto, o seu funeral, que foi muito concorrido, uma justa homenagem de respeito e saudade. Encorporaram-se nelle, entre outras pessoas, o sr. Conde d'Agueda, que levou a chave da urna funeraria, e o vereador da Camara Municipal sr. Mathens Ventura, que foi portador d'uma das toalhas, sendo a outra entregue ao sr. Marques Gomes. As coroas foram levadas pelos srs. Manuel Maria Amador e Anselmo Silva.

Enviamos a toda a familia enluctada a expressão sincera das nossas condolencias, especialmente aos nossos illustres amigos srs. drs. Manuel e Florindo Nunes da Silva.

—Na avançada edade de 81 annos falleceu nesta villa o sr. José Francisco Vieira, mais conhecido por «José Moço». Era um bom homem, muito estimado por todos.

Associamo-nos aos sentimentos da familia enluctada.

Pela imprensa—Reappareceu em Coimbra o excellente semanario «Patria Nova», de que é director o academico sr. Agnello Casimiro.

Foi-nos enviado o n.º 29 (1.º anno), gentileza que muito agradecemos e retribuimos com o nosso modesto semanario.

—Como prenoticiámos, appareceu no dia 5 o «Porto», novo diario da capital do norte. Apresenta-se bem redigido, com secções variadas e de muito interesse, sendo de esperar que dentro em breve occupe um dos primeiros logares na imprensa portugueza.

Os nossos cordeaes cumprimentos.

Verdades, que... parecem mentiras

UMA BATALHA CURIOSA

Ha tempos, como noticiaram os jornaes, teve logar em Paris uma manifestação hostil a M. Lyon-Caen, decano da Faculdade de Direito.

Toda a gente imaginava que esta manifestação não tinha consequencias de maior, e até a imprensa se limitou a narrar os factos, sem o mais ligeiro commentario.

Porem, quando menos se esperava, alguns alumnos d'aquella Faculdade lembraram-se de se manifestarem tambem contra aquelle professor, e, de tal maneira o fizeram, que os indifferentes e os amigos de Lyon-Caen resolveram contrariar os seus collegas que, consciente ou inconscientemente, se estavam prestando a servir interesses de terceiros.

Assim, na Faculdade de Direito organisaram-se dois grandes partidos, promptos para travarem entre si a lucta mais encarniçada.

Logo que acabam as aulas, por volta das onze horas, n'um rodopio indescriptivel, os adversarios misturam-se uns com os outros e, segundos depois, está travada uma lucta medonha a sôco, pontapé e bengalada.

No primeiro dia a refrega durou tres quartos d'hora!!

—:—

LADRÕES INTERNACIONAES

Cahiu ha dias em Paris, procedente de Londres, uma quadrilha de ladrões internacionaes, começando logo a manobrar nas joalherias.

Apresentados aos ourives como millionarios americanos, por um cumplice, enfarpelado com uma farda toda agaloada, de porteiro de hotel rico, os nossos fingidos millionarios chegavam ás ourivesarias, refastelados numa soberba limusine.

Este fausto impressionava os ourives que se desvelavam, apressadamente, a attenderem aquelles figurões que não passavam de vulgares gatunos.

Emquanto um fingia escolher e apreçar as joias, os outros iam deitando a luva ao que podiam.

Em seguida subiam para a limusine e abalavam com estrepito.

Um joelheiro da rua de Castiglione pagou caro uma visita d'estas.

A policia conseguiu filar a quadrilha entre a qual figura um que se diz brazileiro, Simão Fernandes, e uma dama russa.

A um dos gutunos apreenderam 125:000 francos de joias, roubadas em varias cidades da Europa.

Aquella interessante cambada foi posta á sombra.

—:—

O "RECORD" da PERCA ao JOGO

Só aos americanos estão reservadas estas coisas.

O millionario John Pates, teve a habilidade de perder ultimamente em Londres a importante somma de 80:000 libras, isto é quatrocentos contos de reis, pouco mais ou menos, em moeda portugueza.

Só n'uma noite, em cinco horas apenas, conseguiu no meio do maior sangue frio perder 15:000 libras, isto é setenta e cinco contos.

John Pates não se affligiu com isso pois a sua immensa fortuna não soffreu mais do que um ligeiro beliscão em vista d'ella attingir a cifra de 21 mil contos de reis.

Graças a essa enorme fortuna John Pates acha-se ao abrigo... da miseria, e pode ainda, caso lhe seja agradavel, perder uma vez por outra o que perdeu ha pouco.

D'ALÉM-MAR

Manaus, 22-11-909

O primeiro dia do corrente mez, o dia de Todos-os-Santos, é de alegria, mas já o dia seguinte, o dos fieis defunctos, é um dos mais tristes do anno. Toda a gente corre aos cemiterios, numa piedosa romagem, desfolhar flôres e verter lagrimas nas campas das pessoas queridas.

Este anno, o dia de finados esteve magnifico, sendo os cemiterios muito concorridos, tanto de dia como de noite.

—No dia 30 do mez passado realisou-se uma manifestação popular em honra do benemerito governador do Estado.

—Seguiu para o velho e saudoso Portugal o commerciante José Trindade, que, infelizmente, vae bastante incommodado. Desejo-lhe rapidas melhoras.

—Falleceu no dia 6 o snr. desembargador Assumpção Menezes, presidente do Tribunal de Justiça do Estado.

O illustre extincto tambem era presidente do «Centro Pernambucano», installado provisoriamente na Rua Costa Azevedo, n.º 10, onde tambem funcciona o «Instituto João de Deus», de que é director o snr. Gaston Rezende.

—Realisou-se no dia 7 um comicio convocado pela «Confederação do Trabalho», para protestar contra a execução de Francisco Ferrer.

—Eram quasi onze horas da manhã do dia 9, quando desabou uma porção de terreno onde andavam a cavar tres operarios, dois portuguezes e um hespanhol, de nome José Pedro da Cruz, Joaquim Corales e Marques Blanco, morrendo este quasi instantaneamente.

O José Pedro da Cruz ficou tambem em estado grave, havendo esperanças de salva-lo. O Corales ficou apenas levemente ferido.

O snr. José Ruiz, sabendo das precarias circumstancias em que vivem em Hespanha a viuva e filhos do Blanco, resolveu abrir uma subscripção em seu favor.

—Festejou-se ultimamente o 3.º anniversario da «Associação dos Empregados no commercio do Amazonas».

O edificio da associação esteve embandeirado e, durante a noite, illuminado.

Ha tres annos apenas que foi fundada, mas já tem prestado muitos serviços. Entre outras coisas, conseguiu que armazens, lojas de fazendas, etc. fechem as

portas ás 6 horas da tarde, e mercearias, barbearias, etc. ás 8.

Fundou tambem uma escola nocturna que funcciona das 8 ás 10 horas da noite, e a *Tribuna do Caixeiro*, jornal de defeza da classe.

—Seguiu para Portugal, no dia 13, o snr. Augusto Vieira, digno empregado dos *Armazens Andressen*, que vae bastante doente. Faço votos pelas suas melhoras.

(*Continúa.*)

SECÇÃO LITTERARIA

GLORIFICAÇÃO

I

A ti, que trazes immersos
Meus olhos no teu olhar,
Hei-de fazer-te um altar
Na cathedral dos meus versos.

Quero vêr, ó meu affecto,
Esse teu corpo gelado
Gloriosamente poisado
No pedestal de um soneto.

E nos teus hombros divinos
Hei-de pôr, ó minha amante,
Uma tunica ondulante
De versos alexandrinos.

C'o a pericia de um chinez
Farei, com rimas fagueiras,
Duas quadritas ligeiras
Para calçar em teus pés.

Hei-de fazer, minha esp'rança,
Um pequenino poema,
Para enfeitar essa trança
Como se fosse um diadema.

E depois, ó doce lirio,
Meu coração a brilhar,
Ha-de morrer como um cyrio
Defronte do teu olhar.

II

Então, ó estatua dormente,
O' fórmas esculpturaes
Cingirei radiosamente
As vestes patriarchaes.

Hei-de pôr, ó doce amante,
Na minha cabeça anciosa
Um *solideo* deslumbrante
E uma mitra preciosa.

E tu has-de-me fitar
Do teu altar refulgente,
Como se visses passar
O Patriarcha do Oriente.

Então, fitando abysmado
Essa marmorea nudez,
Hei-de ajoelhar-me a teus pés
O' lirio branco e gelado.

E consumido em desejos,
Hei-de lêr—cabeça louca!
Todo o Evangelho dos beijos
No missal da tua bocca!

Lisboa—Novembro de 1886.

Eugenio de Castro.

NOTICIAS PESSOAES

Anniversarios

Passou no dia 9 o anniversario natalicio da sr.ª D. Guilhermina Vidal, gentil filha do nosso querido amigo e collaborador sr. Angelo Vidal. As nossas affectuosas felicitações.

—Pelo mesmo motivo cumprimentamos o nosso amigo sr. Dr. Diniz Severo Correia de Carvalho, distincto alumno do 5.º anno de Medicina, na Universidade, que esteve aqui na quarta e quinta-feira.

—Fez annos no dia 5 do corrente a gentil menina Margarida d'Assumpção Aurelia. Pedimos licença para enviar-lhe os nossos cordeaes cumprimentos.

Doentes

Com um ataque de «gripe» passa incommodado o nosso excellente amigo sr. Dr. Eduardo de Moura, distincto clinico nesta villa. Fazemos sinceros votos pelo seu restabelecimento.

— Tambem se encontra doente a sr.ª D. Biatriz d'Almeida Carvalho, dedicada esposa do nosso presado amigo sr. José Antonio de Carvalho Junior. Desejamos as melhoras de S. Ex.ª

Estadas

Esteven esta villa, no ultimo domingo, o nosso amigo sr. Jayme de Mello Lima, digno e illustrado empregado da estação telegrapho-postal do Porto, para onde retirou no mesmo dia, acompanhado de sua esposa que se encontrava aqui de visita á sua familia.

— Encontra-se nesta villa o nosso presado amigo snr. Antonio do Carmo de Magalhães, digno commerciante no Barreiro (Lisboa).

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 8

Tem sido aqui muito apreciada a maneira serena como o «Correio do Vouga» vae deitando por terra os «argumentos» insultuosos do «Povo d'Aveiro». Pela minha parte, confesso: duvido que fosse capaz de proceder do mesmo modo. Reconheço, no emtanto, que o director do «Correio do Vouga» procede bem, principalmente porque, atravez de tudo, se mantem dentro da orientação que desde o primeiro numero imprimiu ao seu jornal.

O lemma do «Povo d'Aveiro» é — «porrada e agua jarra». Quer dizer: o insulto. O «Correio do Vouga», ao contrario, detesta taes processos e, por isso, julgando o «Povo d'Aveiro» um jornal «absolutamente indigno» da sua discussão, como no ultimo numero affirma, despreza-o, sem comtudo se julgar desobrigado de levar até ao fim a sua campanha, o que fará apenas no cumprimento d'um dever social.

O «Correio do Vouga» vae prestar um bom serviço. Estou convencido d'isso. E convencido estou tambem de que merecerá os louvores de todas as pessoas sensatas e independentes.

— Ao digno correspondente deste jornal em S. João de Loure peço que diga alguma coisa sobre a construcção do cemiterio. Eu e os meus conterraneos aqui residentes precisamos de saber se a commissão, que está nomeada n'aquella freguezia, para angariar donativos, tem cumprido o seu mandato, e se a Junta de Parochia tem tomado algumas resoluções.

Está aqui constituida tambem uma commissão que, por signal, já alguma coisa fez; mas, para continuar nos trabalhos encetados, precisa de convencer-se de que não perderá o seu tempo.

Por isto mesmo, é que resolvi pedir ao correspondente d'este jornal em S. João de Loure, para me informar do que se tem passado, se é que por lá ainda alguem pensa em levar por deante a construcção do cemiterio.

Fico á espera. E, desde já, muito obrigado, por mim e pelos meus conterraneos aqui residentes.

—Esteve aqui, ha dias, hospedando-se em casa do nosso amigo sr. José Tavares de Figueiredo, o sr. Padre Manuel Marques de Lemos, dignissimo prior em Oeiras.

—Retiraram para Setubal os srs. Manuel Dias da Quinta, Pelagio Dias da Silva e Manuel da Silva Carneiro.

—A' hora em que escrevo, 4 da tarde, fui surprehendido pela dolorosa noticia de ter fallecido em Loure a extremosa mãe do meu presado amigo Joaquim Dias d'Oliveira.

Apesar da extincta estar doente ha muito tempo e ter já bastante edade, a sua morte deve ser sentida por todos que tinham a felicidade de a conhecer.

Ao meu amigo Oliveira e á sua familia envio sinceros pesames.—*Melicias.*

—=—

Alquerubim, 7

Continúa o inverno com temporaes e chuva, o que está prejudicando muito a agricultura com o atrazo dos serviços.

—Acha-se gravemente doente na sua casa de Cacia e até em perigo de vida, o pae do snr. dr. Nunes da Silva, meretissimo juiz de direito em Soure e deputado pelo circulo de Braga, e do snr. dr. Florindo, parocho em Sôza, Vagos.

Por este motivo foi ali antehontem o distincto medico d'esta freguezia, snr. dr. Lemos, a quem acompanhamos.

Fazemos votos pelo restabelecimento do doente.

P. S. Já morreu o doente. O enterro realisa-se ámanhã, á 1 hora da tarde.—C.

—=—

Costa de Vallade, 8

Tem experimentado algumas melhoras, sendo, comtudo, ainda muito grave o seu estado, a snr.ª D. Maria Candida Soares Sobreiro. Faço votos pelo seu prompto restabelecimento.

—Tambem se encontra muito doente, na sua sua casa do Ramal, a snr.ª Helena de Jesus. Que em breve se restabeleça são os meus desejos.

—Falleceu, ante-hontem, o meu amigo Boaventura Rodrigues. Homem honesto e trabalhador, soube grangear a affeição de todos os que o conheciam, sendo por isso muito sentida a sua morte.

O extincto, que estava casado em segundas nupcias ha cinco mezes, deixa quatro filhos ainda de tenra edade.

Paz á sua alma, e sentidos pesames á sua familia.

—Realisa-se hoje, na visinha povoação da Quinta do Picado, a festividade em honra de Nossa Senhora da Conceição. A avaliar pelos annos anteriores, deve ser muito concorrida.

—No proximo dia 26 tambem se realisa aqui a festividade em honra do S. Thomé. Promette ser uma festa brilhante, tanto mais que terá logar na nova capella.

Va-se preparando o S. Thomé para receber pés de porco em barda...

Juvenal.

S. João de Loure, 9

Reuniu hontem, em sessão extraordinaria, a junta de parochia, a fim de tratar da construcção do cemiterio. Ha nesta freguezia verdadeiro interesse por que esta obra se realise.

—Espera-se que sêja publicado por todo este mez o despacho que transfere para Lamas, concelho d'Agueda, a sr.ª D. Maria Vidal, muito digna professora nesta freguezia, vindo para aqui, segundo nos informam, uma professora de Ilhavo.

A auzencia da sr.ª D. Maria Vidal vae ser muito sentida, porque merece a todos muita estima e consideração pela maneira dedicada e intelligente como tem exercido o seu cargo. Oxalá que a professora que vem substituil-a, e que não temos a honra de conhecer nem sequer de nome, seja a sua digna continuadora na obra de educação que d'uma maneira notavel vem realisando ha alguns annos.

— Falleceram, ha dias, em Loure, as sr.ªs Julia Exposta e Thereza Dias d'Oliveira. Esta era mãe do nosso amigo e presado assignante do «Correio do Vouga», sr. Joaquim Dias d'Oliveira a quem apresentamos a expressão das nossas condolencias.

—Esteve, hontem, aqui, de visita aos seus amigos, o sr. dr. Eduardo Silva, digno professor do lyceu d'Aveiro.

—Tem passado bastante incommodado o sr. padre Francisco Lopes da Silva, digno capellão no Bussaco, que, a fim de tratar-se, retirou para aqui, d'onde é natural.

—O preço actual do vinho nesta freguezia é de 480 reis cada duplo decalitao.—C.

Coimbra, 8

Tem chovido torrencialmente nos ultimos dias. As ruas estão cheias de lama, apresentando a cidade um aspecto de aldeia.

— De regresso do estrangeiro, passou aqui no sabbado o snr. D. Manuel II. Na estação foi grande a concorrencia.

— Falla-se em construir uma praça de touros nesta cidade.

— Todas as vezes que abro o *Correio do Vouga* percorro anciosamente as suas columnas, a vêr se elle me traz a noticia da realisação d'algum melhoramento para o meu saudoso S. João de Loure.

Positivamente, é uma terra singular, a minha. Passam-se annos e annos, e não se realisa uma obra que lhe dê um aspecto novo. E isto é tanto mais para extranhar, quanto é certo que muitos dos seus filhos têm vivido nas grandes cidades, devendo, portanto, ter uma certa educação esthetica.

S. João, em pouco tempo, havendo boa vontade da parte d'alguns dos seus filhos, podia pogredir muito.

Eu já não quero luxos. Mas, ao menos, com todos os demonios, faça-se o que é de absoluta necessidade. Faça-se, por exemplo, o chafariz em que ha tanto tempo se anda a fallar. Consiga-se um distribuidor rural. Caem-se as casas. Ao menos, as casas.

Ora quedemo-nos aqui, á espera que se faça alguma coisa.

Joaquim de Vasconcellos.

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

*

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Transporte . . .	*115$400*
Jeronymo Fernandes Mascarenhas	*500*
Manoel Lias Vaia Junior . .	*5$000*
Fernando d'Assis Pacheco . .	*10$750*
Augusto Silva	*1$000*
Sizenando do Carmo Oliveira	*2$000*
João Ferreira Coelho . . .	*500*
Um anonymo	*2$000*
Clemente Nunes de Carvalho e Silva	*5$000*
Somma	*142$150*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

A pianista da agua furtada

Um anno pouco mais ou menos antes da morte de Alfredo de Musset, mademoizelle Collin, cuja dedicação o acompanhou até ao extremo da sua tão gloriosa como atribulada carreira, sentiu subir para o andar superior áquelle em que morava o poeta, uma rapariga formosa, mas d'uma alvura de estatua.

A joven parou á porta do quarto, que havia muito estava deshabitado, com grande satisfação de Musset, que não gostava de ter visinhos no andar de cima.

A rapariga vinha habitar a casa. Mademoizelle Collin soube depois que a infeliz estava no ultimo periodo d'uma tisica.

Fallou uma ou outra vez a respeito d'ella ao poeta, mas sempre de passagem.

A pobre enferma nem se ouvia andar sequer! portanto, não podia incommodar de modo algum o arrebatado escriptor, nem nos seu extasis de poeta, nem durante o leve somno das suas noites mal dormidas. Assim, pois, chegaram a esquecer que existia tal creatura, quando um dia Musset entrou de repente, furioso, pelo gabinete d'onde pouco antes havia sahido tranquillamente.

—Previno-a, exclama elle para a governante, de que não volto a esta casa nem para comer, nem para dormir. Vou para um hotel. Fica pois dispensada do meu serviço. Não torno a pôr os pés aqui.

Que demonio teria acontecido assim, tão de repente?

Uma coisa muito simples.

Quando o poeta ia a sahir, esbarrou com uns moços de fretes, que iam carregando com um piano para o andar de cima.

Um piano! Um piano e para quem!... para a nova inquilina cujo quarto ficava exactamente por cima do seu!

D'ahi em diante estava previsto! aquella casa tão socegada, situada n'um bairro tão retirado, onde nem sequer passava uma carruagem, ia tornar se o inferno!

Um piano! que horror! Um piano onde a respectiva dona havia de matrequear na occasião exactamente em que o poeta estaria entregue ás suas meditações...

—Ah! que supplicio cruel!... Descança, que não lograrás azoinar-me os ouvidos!...

—E' pôr-me ao fresco quanto antes! hoje mesmo! immediatamente!...

A governante não fazia senão tranquilisar o poeta, caprichoso como uma creança.

—Mas, senhor — dizia ella ao ver Musset aterrado, pallido, possuido de desalento profundo, a bengala n'uma das mãos e o chapeu na outra,—socegue. Pois não será uma loucura abandonar assim a casa, só por um receio, quem sabe se infundado?... Quanta gente ha ahi que tem piano só por luxo, mas que não toca?... Depois, a rapariga está tão doente .. Ora... Nem ella tem alentos para tocar! Quem sabe, talvez a gente nunca chegue a ouvir o tal realejo!... Em todo o caso, se ella começar a samphonar no piano, todo o tempo é tempo de deixarmos a casa. Tenha paciencia por uns dias . Pelo menos dê-me tempo a que procure outra casa se tiver de deixar esta, onde no fim de contas nos temos dado tão bem ..

Com este discurso suasorio a pobre mulher acabou por acalmar o valetudinario poeta, que sahiu promettendo voltar e aguardar pacientemente a explosão musical, tão temida para elle, como as de dynamite o podem ser para qualquer testa coroada.

Quando voltou para casa, Collin nada tinha ouvido; nem um unico som sequer tinha vibrado n'aquella casa mergulhada sempre n'um silencio sepulchral.

Decorrera muito tempo, e nada! absolutamente nada! Chegado um certo dia, ouve-se de repente correr uma escala. Musset levanta-se sobresaltado, pega no chapeu e na bengala e corre para a porta; chegado porem ahi, pára e fica estatico, como que pregado ao chão, de ouvido á escuta, aspirando o som do piano. Volta para traz pé ante pé, e subjugado, senta-se, pousa o chapeu no chão, appoia o rosto no conto da bengala e faz signal a Collin, que lhe seguia os movimentos, para que se assente e escute.

—Sublime! exclama o poeta a meia voz.

—Não acha triste? observou a dedicada governante.

(*Conclue no proximo numero*).

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

GRAMMATICA ELEMENTAR DA LINGUA PORTUGUEZA PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas POR ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

MANUSCRIPTO DAS *ESCOLAS PRIMARIAS* (Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar
Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares.
Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscr pto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2$300 reis.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do actor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaccastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

Á venda em todas as livrarias

AGENCIA COMMERCIAL E MARITIMA

LEGALMENTE HABILITADA

DE

Joaquim L. G. Moreira

Agente de todas as companhias maritimas Venda de passagens para todos os portos do Brazil e Africa. Solicitam-se passaportes bem como todos os documentos para os obter. Tratam-se licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reservas. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes, etc.

Avenida Bento de Moura (em frente ao mercado Manoel Firmino)

AVEIRO

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação — Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
« —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil—anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. .	10 reis
Communicados, cada linha. .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

2.º ANNO—N.º 50

CORREIO DO VOUGA
(EIXO)
Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.